



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição 10 matérias

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, sábado, 7 de maio de 2011

O ESTADO DE SÃO PAULO

Preços do governo estouram inflação 1
VEICULAÇÃO NACIONAL

FOLHA DE SÃO PAULO

Inflação sobe em abril e bate meta do ano pela 1ª vez 2
VEICULAÇÃO NACIONAL

FOLHA DE SÃO PAULO

Para Mantega, há inflexão nos preços 4
VEICULAÇÃO NACIONAL

FOLHA DE SÃO PAULO

Exportador terá prioridade na alfândega 6
VEICULAÇÃO NACIONAL

FOLHA DE SÃO PAULO

Autoridades fiscalizadoras têm de agir de forma coordenada e no momento certo 8
VEICULAÇÃO NACIONAL

O GLOBO

'PODEMOS RESPIRAR EM MAIO', DIZ MANTEGA 9
VEICULAÇÃO NACIONAL

O GLOBO

Panorama Econômico :: Míriam Leitão 10
VEICULAÇÃO NACIONAL

O GLOBO

Inflação passa do limite..... 12
VEICULAÇÃO NACIONAL

O GLOBO

Podemos respirar em maio', diz Mantega 14
VEICULAÇÃO NACIONAL

JORNAL DO COMMERCIO ONLINE

Inflação supera meta proposta pelo governo..... 15
VEICULAÇÃO NACIONAL

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Preços do governo estouram inflação		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Resultado acumulado em um ano supera meta de 6,5%, mas mercado vê certo alívio nos próximos meses e juros futuros têm leve queda

Daniela Amorim - O Estado de S.Paulo

Os grandes vilões da inflação este ano são os serviços e produtos com preços sob controle ou vigilância do governo, como os combustíveis. Ao contrário do ano passado, os alimentos têm contribuído menos para a inflação em 2011. O álcool e a gasolina mais caros puxaram a alta de 0,77% no Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em abril. No acumulado de 12 meses, o índice chegou a 6,51%, acima do teto da meta do governo de 6,5%.

O Banco Central diz, porém, que a inflação vai baixar nos próximos meses e que a meta só vale para o período de janeiro a dezembro e não leva em conta variações além da primeira casa decimal depois da vírgula. Ou seja, a inflação ainda estaria, tecnicamente, dentro da meta.

"Este ano, estão pressionando a inflação os reajustes de ônibus urbano, energia, taxa de água e esgoto e, neste último mês, com força, também a gasolina", disse a coordenadora de índices de preços do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Eulina Nunes dos Santos.

A inflação de maio também deve voltar a ser pressionada pelos preços administrados, com o aumento nas tarifas de energia elétrica em algumas regiões metropolitanas e também pela tarifa de ônibus urbano no Rio, que será reajustada hoje em 4,17%.

Mas a leve desaceleração em abril surpreendeu o mercado. A notícia animou os analistas, que previam inflação maior. As taxas de juros caíram ontem no mercado futuro. Os próximos meses devem dar uma

trégua, como ocorreu no mesmo período de 2010. No fim do ano, deve ocorrer novo repique da inflação, que pode até estourar o teto da meta, pelos critérios do BC.

Segundo Elson Teles, economista da Máxima Asset, o IPCA em maio deve ficar entre 0,45% e 0,50%, mas deve cair ainda mais em junho, ao redor de 0,2%. "Sabemos que há bom espaço para a inflação recuar, depois de passar quatro meses pressionada."

O economista Flávio Combat, da Concórdia Corretora, também espera um IPCA menor em maio, de 0,45%, que seria resultado da política monetária restritiva adotada pelo BC. "A pressão do álcool e da gasolina tende a diminuir. Alimentos e bebidas devem subir menos também."

Além dos combustíveis, o professor de Economia Luiz Roberto Cunha, da PUC-RJ, aposta em redução da pressão de artigos de vestuário e dos remédios. Ele espera uma inflação em torno de 0,5% para maio. "Não há risco de uma explosão inflacionária. Mas também não vai ficar tão baixa que chegue a 4,5% em 2012."

Em abril, os preços do etanol, que já tinham subido 10,78% em março, tiveram alta de 11,2%. Com isso, influenciaram o preço da gasolina, que ficou 6,26% mais cara, após alta de 1,97% em março. Juntos, etanol e gasolina subiram 6,53% no mês. Já os preços dos alimentos desaceleraram para 0,58% em abril, ante alta de 0,75% em março. Ficaram mais baratos o tomate, o açúcar cristal, o arroz e as carnes.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Inflação sobe em abril e bate meta do ano pela 1ª vez		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Índice acumulado em 12 meses chegou a 6,51%, passando do limite oficial fixado por governo e Banco Central

Preços de alimento e combustível subiram menos em abril, mas, em 12 meses, inflação continuará em alta

PEDRO SOARES

DO RIO

Apesar da alta dos juros e das medidas de contenção ao crédito, o Banco Central não conseguiu ainda retomar as rédeas da escalada de preços. Em abril, pela primeira vez desde 2003, o índice oficial de inflação ultrapassou o teto da meta admitido pelo governo, quando considerada a variação em 12 meses.

O indicador ficou em 6,51%, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). A meta oficial, que o BC se compromete a perseguir, é de 4,5% para 2011, podendo chegar, no máximo, a 6,5%.

O estouro da meta indica que o BC encontra dificuldade em trazer novamente a inflação para níveis mais baixos. Alguns analistas dizem que ele demorou a agir ainda no ano passado e subestimou a força do consumo e da renda maior da população.

O cenário foi agravado, primeiro, com um choque de preços de alimentos no começo do ano. Agora, eles já mostram arrefecimento e podem cair nos próximos meses, segundo analistas.

RITMO MENOR

Em abril, o ritmo da alta do IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo), que é o indicador oficial, foi menor: 0,77%, pouco inferior ao de março (0,79%). Mas o mês carregou parte da alta de preços do álcool e da gasolina, iniciada em março, devido à entressafra da cana-de-açúcar e ao consumo aquecido.

Sozinhos, os combustíveis representaram 39% da variação do indicador em abril. Laura Haralyi, do Itaú-Unibanco, acha que os preços dos combustíveis ficarão estáveis em maio, e poderão até cair em junho. Assim, diz, é possível que as próximas medições mensais apontem para um recuo da inflação.

Já Fábio Romão, da LCA, diz que o desafio do BC é controlar a inflação e evitar que ela se "realmente". Quando as expectativas de inflação estão em alta, empresários antecipam reajustes, o que pressiona mais o índice.

Além disso, outro foco de pressão em 2011 foram os preços indexados por contratos, como energia, aluguéis, ônibus e outros. Todos subiram mais na esteira de índices elevados de preços em 2010, que corrigiram fórmulas de reajuste.

Alguns analistas acham que a inflação se manterá acima do limite no acumulado de 12 meses, até agosto, ao menos, e pode passar de 7%.

Mas, para a maioria dos economistas ouvidos em pesquisa semanal do BC, o indicador ficará em 6,37% no fim do ano. Ou seja, dentro do teto da meta oficial.

Apesar de ainda ter mostrado alta, a variação do IPCA no mês ficou abaixo do esperado por economistas, que apostavam em variação de 0,81% a 0,85%. A notícia se refletiu no humor dos investidores: a Bovespa fechou em alta de 1,59%, interrompendo uma sequência de quatro dias de perdas.

MENSAGEM COMBINADA

Como os investidores ainda têm dúvidas sobre a eficácia das medidas do BC, evitam se expor a aplicações de risco, como ações. Como resultado, o índice de ações da Bolsa cai 7% no ano.

Enquanto o IPCA era divulgado no Rio, a presidente Dilma Rousseff costurou com sua equipe um

discurso para convencer mercado e empresários de que o dado de abril era um "olhar no retrovisor" e que a pior fase já passou.

Após reunião no Alvorada, assessores e ministros passaram a transmitir a análise feita mais cedo. Definiram que era importante destacar, nas conversas com imprensa e mercado, que a inflação de maio será menor do que a de abril, abaixo de 0,50%.

E reforçar que o IPCA acumulado em 12 meses até setembro seguirá em alta, reflexo da inflação passada, mas cairá a partir de outubro.

O ministro Guido Mantega (Fazenda) convocou a imprensa e lembrou que, oficialmente, a meta é fixada para o período de janeiro a dezembro.

Colaboraram VALDO CRUZ e ANA CAROLINA OLIVEIRA, de Brasília

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Para Mantega, há inflexão nos preços		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Ministro da Fazenda diz que inflação atingiu pico em abril e recuará nos próximos meses sem afetar crescimento

Governo vai tentar "persuadir" empresas e trabalhadores para evitar repasses para salários, diz ministro

MARIA CRISTINA FRIAS

COLUNISTA DA FOLHA

RICARDO BALTHAZAR

EDITOR DE PODER

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, acha que a inflação atingiu seu pico no mês passado e recuará nos próximos meses. "Estamos num momento de inflexão", disse em entrevista à Folha. Ele manteve a previsão otimista de que o país crescerá 4,5% neste ano, apesar dos sinais de que a economia está esfriando. Mas concordou com o presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, que recomendou aos brasileiros que poupem seu dinheiro em vez de consumir.

Como o sr. avalia o estouro da meta de inflação?

Guido Mantega - Não vi nenhum estouro. Deu 6,51%. Tecnicamente, é 6,5%. O índice veio abaixo das expectativas. As commodities estão caindo fortemente no mercado internacional. Os alimentos começaram a cair. A pressão dos serviços diminuiu. A trajetória de queda da inflação já começou. Estamos num momento de inflexão.

Várias categorias de trabalhadores vão renegociar seus salários nos próximos meses, com a inflação no pico. Podem surgir novas pressões?

O desafio que temos é impedir que essa inflação seja transmitida aos preços futuros. Estamos tentando persuadir, conversando com os empresários. Estamos

tomando medidas para reduzir o consumo e o crédito desde o ano passado. Estamos reduzindo os gastos do governo. Tivemos resultado excelente do ponto de vista fiscal.

O crescimento da arrecadação de impostos contribuiu mais para esse resultado do que a contenção dos gastos.

Os gastos do governo estão crescendo a uma velocidade menor que a do PIB (Produto Interno Bruto). A receita está bem porque a economia continua crescendo, é bom que se diga. Vamos ter um crescimento importante neste ano, de 4,5%.

O governo acha mesmo que dá para sustentar isso tudo?

É sustentável. Estamos conseguindo calibrar a redução da demanda, do crédito e dos gastos, mas não é para derrubar a economia. Os investimentos vão continuar.

O presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, recomendou aos brasileiros que poupem. O sr. concorda?

Seria bom que a população poupasse um pouco. A renda cresceu, as pessoas estão com dinheiro e estão gastando. Se pudessem dedicar uma parte desses recursos para a poupança, seria bom.

O sr. disse outro dia que o ex-presidente Lula poderia ter "retaliado" a Vale por discordar de sua política de investimentos. O que quis dizer?

O presidente teve um comportamento democrático. A Vale demitiu os funcionários por suas razões e não estava em sintonia com algo importante para o país naquele momento. Falam em ingerência, mas não tem o menor sentido. O governo conversa com as empresas e procura defender os interesses do país.

Mas o que seria "retaliar"?

Estamos aqui trabalhando no subjetivo. Em vez de olhar aquilo que realmente aconteceu, a gente fica especulando coisas que talvez pensaram. Concretamente não houve nada. O presidente simplesmente se queixou. Isso não atrapalha o funcionamento da Vale. Em algum momento eles farão as siderúrgicas que nós gostaríamos e isso está absolutamente superado.

Tem gente se mexendo na praça para lançar seu nome como candidato do PT a prefeito de São Paulo no ano que vem. O sr. está interessado?

Li isso na Folha. Não estava sabendo. Ninguém me consultou. O PT tem muitos candidatos bons e não precisam de mim. Estou concentrado no meu trabalho.

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Exportador terá prioridade na alfândega		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Governo dará selo especial às maiores exportadoras que vai garantir desburocratização em portos e aeroportos

Objetivo é diminuir fila e reduzir os custos logísticos; despacho pode reduzir a horas o que hoje leva cinco dias

NATUZA NERY

DE BRASÍLIA

O Governo Federal deve instituir ainda neste semestre um novo programa para beneficiar as empresas exportadoras. O novo modelo certificará companhias com um selo especial para que tenham prioridade no despacho de mercadorias em portos, aeroportos e fronteiras.

O objetivo é reverter, ao menos em parte, elevados custos logísticos alfandegários; reduzir a fila de espera para jogar produtos no mercado global e aumentar a competitividade do setor. O programa OEA (Operador Econômico Autorizado) é um "fast track", ou atalho, para agilizar o desembaraço de produtos. Na prática, simplifica e reduz as etapas de fiscalização de cargas.

As empresas voluntárias terão o carimbo de "confiáveis", devendo estar em dia com seus compromissos fiscais e assegurar controle interno contra fraudes. As novas regras entrarão em vigor assim que Dilma Rousseff der seu aval a uma norma da Receita sobre o tema, atualmente em fase de finalização.

Entre as novidades em estudo está a habilitação de empresas de médio porte no programa, sob critérios mais leves e mais baratos a serem definidos. Hoje, não há modalidade que facilite a vida de companhias menores.

As empresas que não aderirem ao OEA caem fatalmente no tradicional pente-fino da Receita Federal,

o chamado "canal vermelho"-vistoria física e documental das cargas. O procedimento demora a liberação de carregamentos e encarece os custos.

O novo sistema do governo também permitirá o reconhecimento mútuo de selo especial lá fora. O Brasil pode firmar acordos para montar uma rede de "empresas confiáveis" com os Estados Unidos, que operam o mesmo modelo. Ou seja, quem possuir a certificação será beneficiado com rituais menos pesados de fiscalização também em países parceiros.

Eis as alternativas do "fast track": prioridade na inspeção de cargas; embarque antecipado de produtos; apresentação de documentos simplificados; menor número de inspeções físicas.

Hoje, a Receita já aplica a chamada Linha Azul, um programa mais restrito que o OEA, destinado apenas às grandes operadoras são habilitadas. Têm custos altos de operação e não podem atuar com outros países.

QUESTÃO DE HORAS

Atualmente, as empresas cumprem de cinco a seis etapas para liberar seus produtos. Com o selo especial, podem reduzir esse trajeto à menos da metade. Com a certificação, o despacho na alfândega pode durar poucas horas; no modelo tradicional não raro demora cinco dias.

O Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior faz as costuras políticas das mudanças. O Executivo pretende aplicar punições rígidas e multas pesadas para a certificada que cometer irregularidades.

MUDANÇAS NAS EXPORTAÇÕES

O QUE O GOVERNO FARÁ?

Certificar empresas para que possam exportar e importar mais facilmente

COMO FUNCIONA?

Empresas com o selo "operador econômico autorizado" terão prioridade máxima no despacho de cargas na alfândega

OBJETIVO

Reduzir custo com logística e armazenamento; dar maior competitividade a empresas brasileiras

VANTAGENS

Atendimento rápido; menor inspeção física da carga; autorização de embarque antecipado;

declarações e documentos simplificados; reconhecimento do certificado em países parceiros

COMO É HOJE?

Empresa pode passar na malha fina da Receita, tendo toda a carga averiguada, ou acelerar o despacho via Linha Azul, sistema menos burocrático, mas de alcance reduzido. O percurso tradicional pode levar dias

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO		EDITORIA
	TÍTULO Autoridades fiscalizadoras têm de agir de forma coordenada e no momento certo		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

ANÁLISE

LUIS FERNANDO RESANO

ESPECIAL PARA A FOLHA

Projeta-se que em 2012 será movimentado 1 bilhão de toneladas pelos portos brasileiros. A notícia é alvissareira. Porém, como fazer isso se as obras de infraestrutura são sempre demoradas?

Só nos resta atacar o sério problema da burocracia que atinge os processos de liberação de cargas nos portos.

É inquestionável a necessidade do país de ter controle das suas fronteiras aduaneiras. Falamos aqui não apenas da ação da Receita Federal, mas sim de todos os demais controles, como os da Vigilância Sanitária, Meio Ambiente, Agricultura e Pecuária e outros. A falta da adoção do conceito internacionalmente conhecido como "single window" ou "one stop shop" gera dificuldades enormes nos nossos processos aduaneiros.

A falta de integração das autoridades nas ações de fiscalização faz com que as cargas permaneçam períodos excessivos nos portos, que são áreas nobres para a cadeia logística. Hoje, temos cerca de 30 órgãos intervenientes nas operações portuárias, que exigem quase mil informações distintas.

Essas informações, por não serem prestadas em um ponto único, são repetidas várias vezes, o que gera trabalho e agrega custos aos nossos produtos de importação e de exportação.

Há necessidade urgente de harmonização e de melhor entendimento entre as diversas autoridades com atribuição de fiscalização, para que atuem de forma coordenada e no momento apropriado.

Os estudos realizados para o desenvolvimento do projeto Porto sem Papel estimaram que a inserção das informações em um único ponto de entrada pode reduzir em cerca de 25% o tempo que os navios permanecem aguardando, sem fazer operações, por conta da burocracia.

Estudo realizado pelo Banco Mundial indica que, no Brasil, o tempo médio para liberação de cargas é de 5,7 dias, enquanto há países em que o tempo necessário é inferior a um dia.

Essa medida se refere apenas à demora para liberar a carga, não levando em conta o período para obter todos os documentos exigidos.

Por absurdo que pareça, alguns desses documentos só estão disponíveis quando a carga chega ao porto.

Outra modernização possível é que as cargas só devem chegar ao porto quase na hora da chegada do navio, evitando usá-lo como ponto de armazenagem.

Para isso, há que haver certeza do trânsito, ou seja, que a carga não ficará retida para inspeção inesperada.

Também é preciso que os navios cumpram efetivamente suas programações, sem cancelamento de escalas por deficiência da gestão portuária.

LUIS FERNANDO RESANO é diretor técnico da ABTP (Associação Brasileira dos Terminais Portuários).

 SUPERINTENDÊNCIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS	VEÍCULO O GLOBO		EDITORIA
	TÍTULO ‘PODEMOS RESPIRAR EM MAIO’, DIZ MANTEGA		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Para ministro, pior já passou. Lobão garante que não haverá reajuste de combustíveis

Martha Beck e Luiza Damé

BRASÍLIA. O ministro da Fazenda, Guido Mantega, disse ontem que o Brasil está superando o pior momento da inflação e que os preços já começaram a cair. Ao comentar o IPCA de abril, ele reconheceu que este ainda é elevado, mas ressaltou que o número está abaixo do que esperava o mercado: - Eu diria que nós estamos no chamado ponto de inflexão, ou seja, revertendo a inflação para baixo. Se continuarmos assim, já podemos respirar em maio, esperando um IPCA em torno de 0,45% ou 0,50%. Mantega minimizou o fato de a inflação acumulada em 12 meses, de 6,51%, ter ficado acima do teto da meta de 2011 (6,5%). -

O que interessa para nós é a inflação de janeiro a dezembro, e essa não vai passar do limite da meta. O que importa é olhar para frente, e não para trás - afirmou.

A equipe econômica vem destacando que vários países que trabalham com meta de inflação estão acima do teto para 2011, como Chile, Reino Unido, Turquia, Austrália e Nova Zelândia. Outros estão acima do centro da meta, mas na margem de tolerância: Canadá, Colômbia, Peru, México e Hungria. Há também aqueles sem metas explícitas, mas cuja inflação está elevada: Estados Unidos, Rússia, Índia e China. Segundo Mantega, o vilão do IPCA em abril foram os combustíveis, especialmente o etanol, que estava caro devido à entressafra da cana. Ele disse que essa pressão acabará

com o início da colheita e a queda os preços do petróleo no mercado internacional.

- Teremos queda dos preços de gasolina e etanol a partir de maio - firmou. - O pior momento da inflação está passando, está sendo deixado para trás em abril e, a partir de maio, os preços vão começar a cair no Brasil, de modo que a inflação está sob controle.

Como a reforçar essa expectativa, o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, afirmou ontem que não haverá qualquer alteração nos preços dos combustíveis enquanto a cotação internacional do petróleo estiver no patamar atual. Ele também disse que a oferta de etanol está crescendo e, a partir da próxima semana, será maior, com "consequente queda nos preços": - Não se cogita aumentar o preço dos combustíveis.

Lobão lembrou que há nove anos o governo não aumenta o preço dos combustíveis nas refinarias. Ele disse ainda que a Petrobras vai aumentar a sua participação na produção de etanol.

O objetivo é que, em quatro anos, produção da empresa passe dos atuais 5% do etanol consumido no país para até 15%, a fim de evitar a alta do preço na entressafra. O ministro se reuniu com a presidente Dilma

Rousseff, tendo falado sobre a Usina de Belo onte. Ele disse que todas as recomendações estão sendo cumpridas, incluindo questões ambientais e indígenas.

	VEÍCULO O GLOBO		EDITORIA
	TÍTULO Panorama Econômico :: Míriam Leitão		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

No teto e subindo

Riscou na trave e saiu. O teto da meta é 6,5%, a inflação em 12 meses terminados em abril ficou 0,01 ponto percentual acima disso. Vai piorar no acumulado nos próximos meses, melhorar no número mensal. Deve cair no fim do ano, para virar uma incógnita no ano que vem. A inflação está dando sustos e não tolera avaliações simplistas. É problema complexo.

Eu explico se estiver confundido você neste parágrafo inicial. Ontem, saiu o número da inflação de abril, o IPCA, que ficou em 0,77%. Isso é um tiquinho menor que março, que foi 0,79%. O problema é que saiu ligeiramente do teto de tolerância permitido pelo regime de metas de inflação.

No mês de maio, o IPCA vai subir menos. As safras vão ajudar a baixar os preços dos alimentos. O etanol também vai refrescar a pressão nos combustíveis. A gasolina da gasolina - que é 75% da mistura - não ficou mais cara para as distribuidoras e é uma grande dúvida. Principalmente depois de quinta-feira, quando o preço do petróleo teve uma queda forte de 10%. Mas o preço que a Petrobras cobra é um mistério político. Não está no terreno da economia.

Quando chegar o dado do mês de maio mostrando desaceleração da inflação, o acumulado em 12 meses pode ficar na mesma. Em maio passado, foi 0,43%. Nos meses seguintes, o mensal pode ficar baixo, alegrando o governo; o acumulado vai subir, bater em 7%, preocupando todo mundo. Essa dispersão de números vai acontecer porque nos meses de junho, julho e agosto de 2010 a inflação ficou perto de zero. Qualquer taxa acima de zero elevará o índice em 12 meses. E é para este número que olharão as categorias fortes que vão negociar salários em setembro.

No final do ano, o acumulado deve ceder porque foi forte o impacto do La Niña no último trimestre de 2010. Aí começará o ano que vem, que tem uma trombada inicial. O salário mínimo vai subir por volta de 14% e pode ter impacto em serviços e outros custos.

Os preços administrados subiram fortemente nos últimos meses. São preços como tarifas públicas, que têm fórmulas de correção de acordo com a inflação passada. O IGP-M terminou 2010 em 11,32%, o IPCA, em 5,91%. Em abril, os preços administrados subiram 1,29%. A indexação traz o passado para o presente. Os empresários, para decidir seus preços, fazem três perguntas: quanto os custos aumentaram? Qual será a inflação no futuro? O consumidor aceitará meu preço?

Os custos aumentaram, a inflação no futuro é incerta, o consumidor pagará se tiver dinheiro ou nenhuma outra opção. No cenário, há muita coisa mudando. As compras do Dia das Mães serão mais fortes que em 2010, mas o ritmo de crescimento é menor. As famílias já estão bem endividadas. Esta semana, o presidente do Banco Central avisou à imprensa e ao Congresso que, se precisar, continuará subindo os juros. O risco é o governo achar que a queda do índice mensal prova que é só esperar que a inflação vai cair por gravidade.

No mundo inteiro ela está subindo, só que a nossa é mais tihosa, aprendeu manhas específicas com o longo passado inflacionário, como o de se reproduzir; nascendo de novo de si mesma, com a indexação. Quanto mais alta for e mais incerto o cenário, mais se fortalecem os músculos indexados.

O vasto mundo que nos cerca por todos os lados é de uma incerteza só. Do nada, os preços do petróleo caíram 10% na quinta-feira, e despencaram várias outras commodities. O bom da economia é que tudo tem

explicação. O ruim é que elas surgem normalmente depois dos fatos.

Commodities caírem ajudam a inflação por um lado, mas se a queda atingir fortemente as que o Brasil exporta, é menos entrada de dólares. Aliás, o dólar andou subindo. Bom para os exportadores; mas deixa de ser um fator que puxa a inflação para baixo. Não tem muito fôlego para continuar subindo. Com a "nuvem de liquidez" - expressão de Tombini - que anda sobre o mundo, o dólar ficará mais fraco. Essa nuvem também provoca sobe e desce nas commodities, preços dos ativos, e contorna os obstáculos que o BC tem posto sobre a entrada de capitais.

Na hora do susto, essa nuvem corre para os títulos do governo americano, apesar de ser lá a capital da crise que começou em 2008. Na hora calma, esses capitais especulam em todos os mercados, provocando altas abruptas, pressionando a inflação. Essa é parte da confusão atual. Mas como explicou Tombini, uma das razões pelas quais os eventos inesperados do ano não

desaguaram em crise é exatamente a existência dessa nuvem de liquidez mundial.

O Brasil conhece bem a inflação e o arsenal que nunca funcionou. Não dá certo apelo a empresário para que não reajuste seus preços, como foi feito esta semana pelo ministro Guido Mantega. A inflação nunca tem uma causa só, portanto, dizer que o vilão foi o combustível só aumenta a preocupação, porque indica que o governo não está vendo todas as conexões que estão se formando.

As razões econômicas para a inflação estar no ponto superior da meta são muitas. A consequência política é sempre a mesma: governo que permite que o índice suba, corroendo o poder de compra e trazendo velhos desconfortos de volta, acaba perdendo popularidade.

	VEÍCULO O GLOBO		EDITORIA
	TÍTULO Inflação passa do limite		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

IPCA acumulado em 12 meses até abril fica em 6,51%, acima da meta do governo

Liana Melo

A inflação rompeu, pela primeira vez desde 2005, o teto da meta estipulada pelo governo: nos últimos 12 meses terminados em abril, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), calculado pelo IBGE, acumulou variação de 6,51%, enquanto o limite oficial é de 6,5%. Em julho de 2005, a taxa foi de 6,57%. No mês passado, o IPCA ficou em 0,77%, o que significou uma ligeira desaceleração em relação ao 0,79% de março, mas foi a maior alta mensal para um mês de abril nos últimos seis anos. Apesar de o governo vir insistindo que a inflação está sob controle e que começará em maio a convergir para o centro da meta (4,5% no ano), o objetivo principal, o mercado está dividido e alguns analistas já acreditam que o IPCA só ficará no limite desejado pelo Planalto em 2013. Há consenso apenas nas previsões de novas altas da taxa básica de juros nas próximas reuniões do Comitê de Política Monetária (Copom). Desde janeiro deste ano, já houve elevação de 1,25 ponto percentual da Selic, para 12% ao ano.

O mercado vinha esperando uma taxa maior para abril, entre 0,83% e 0,89%. Já para o índice fechado de 2011, a previsão de analistas é de que a inflação rompa a barreira dos 6,5%. A coordenadora de Índices de Preços do IBGE, Eulina Nunes dos Santos, chama atenção para um detalhe:

- Vamos ter um efeito matemático daqui para a frente. Qualquer que venha a ser a taxa positiva em junho, julho e agosto, vai puxar o IPCA em 12 meses para cima, já que a inflação foi próxima de zero nesses períodos do ano em 2010.

Combustíveis

são o novo vilão

Ou seja, segundo Eulina, sairão do cálculo taxas muito baixas e entrarão novas, com variações mais altas.

No ano, até abril, o IPCA acumulou alta de 3,23%. O que mudou em relação a março foi o perfil da inflação. Os alimentos deixaram de ser vilão e os combustíveis ocuparam este lugar. No mês passado, o grupo com maior alta de preços foi o de transportes: 1,57%, refletindo o avanço de 6,53% dos combustíveis, que, sozinhos, responderam por 0,30 ponto percentual do IPCA no mês. Os alimentos subiram menos: 0,58% contra a alta de 0,75% registrada em março.

Alessandra Ribeiro, sócia da Tendências Consultoria, acha que a queda dos preços só dura até outubro. Para ela, a inflação só vai convergir para o centro da meta em 2013.

- Aqueles itens que tiveram alta expressiva vão deixar de pressionar. Mas a inflação vai voltar a acelerar em outubro, e nossa aposta é que vai passar a girar em torno de 0,5% ao mês. A inflação não está sob controle.

Já o economista Elson Teles, da Máxima Asset, ressalta que é a primeira vez, desde o fim de 2010, que a inflação do mês surpreende positivamente. Ele aposta que, na margem, a inflação vai continuar desacelerando, mas também acha difícil que ela volte ao centro da meta em 2012.

O economista-chefe do Banco ABC Brasil, Luis Otavio de Souza Leal, por sua vez, acha que o aumento de algumas tarifas deverá impedir uma queda mais expressiva em maio. Pelas suas projeções, a inflação este mês deverá ficar entre 0,50% e 0,55%. Em maio, as pressões no IPCA já esperadas pelo IBGE serão as tarifas de energia e de ônibus urbano, especialmente no Rio.

O resultado da inflação não pegou o BC de surpresa, mas serviu para reforçar a tese de que a

escalada de preços, daqui para frente, vai "recuar fortemente". Em maio, o IPCA já deve diminuir para algo próximo a 0,45%, como prevê o **mercado**, caindo para algo perto de 0,1% nos dois meses seguintes. Desse modo, olhando-se para 12 meses à frente, o indicador já estaria na trajetória de convergência para o centro da meta.

Essa perda de força da inflação virá, sobretudo, dos efeitos da política monetária restritiva implementada pelo BC desde dezembro passado, quando anunciou medidas para conter o crédito, além da alta da Selic. Os preços do álcool devem perder

força e voltar para os níveis históricos em breve: ou seja, 70% do preço da gasolina, o que também vai ajudar.

O governo lembra que, em 2005, o IPCA ficou sete meses seguidos acima do teto da meta - chegou a ultrapassar 8% anualizado - e que, no fim do ano, foi de 5,69%. Ainda bem acima do centro da meta de 4,5%, mas dentro da margem de erro de dois pontos percentuais para mais ou menos.

COLABOROU: Patrícia Duarte, de Brasília

	VEÍCULO O GLOBO		EDITORIA
	TÍTULO Podemos respirar em maio', diz Mantega		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Para ministro, pior já passou. Lobão garante que não haverá reajuste de combustíveis

Martha Beck e Luiza Damé

BRASÍLIA. O ministro da Fazenda, Guido Mantega, disse ontem que o Brasil está superando o pior momento da inflação e que os preços já começaram a cair. Ao comentar o IPCA de abril, ele reconheceu que este ainda é elevado, mas ressaltou que o número está abaixo do que esperava o mercado:

- Eu diria que nós estamos no chamado ponto de inflexão, ou seja, revertendo a inflação para baixo. Se continuarmos assim, já podemos respirar em maio, esperando um IPCA em torno de 0,45% ou 0,50%.

Mantega minimizou o fato de a inflação acumulada em 12 meses, de 6,51%, ter ficado acima do teto da meta de 2011 (6,5%).

- O que interessa para nós é a inflação de janeiro a dezembro, e essa não vai passar do limite da meta. O que importa é olhar para frente, e não para trás - afirmou.

A equipe econômica vem destacando que vários países que trabalham com meta de inflação estão acima do teto para 2011, como Chile, Reino Unido, Turquia, Austrália e Nova Zelândia. Outros estão acima do centro da meta, mas na margem de tolerância: Canadá, Colômbia, Peru, México e Hungria. Há também aqueles sem metas explícitas, mas cuja inflação está elevada: Estados Unidos, Rússia, Índia e China.

Segundo Mantega, o vilão do IPCA em abril foram os combustíveis, especialmente o etanol, que estava caro devido à entressafra da cana. Ele disse que essa pressão acabará com o início da colheita e a queda dos preços do petróleo no mercado internacional.

- Teremos queda dos preços de gasolina e etanol a partir de maio - afirmou. - O pior momento da inflação está passando, está sendo deixado para trás em abril e, a partir de maio, os preços vão começar a cair no Brasil, de modo que a inflação está sob controle.

Como a reforçar essa expectativa, o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, afirmou ontem que não haverá qualquer alteração nos preços dos combustíveis enquanto a cotação internacional do petróleo estiver no patamar atual. Ele também disse que a oferta de etanol está crescendo e, a partir da próxima semana, será maior, com "consequente queda nos preços":

- Não se cogita aumentar o preço dos combustíveis.

Lobão lembrou que há nove anos o governo não aumenta o preço dos combustíveis nas refinarias. Ele disse ainda que a Petrobras vai aumentar a sua participação na produção de etanol. O objetivo é que, em quatro anos, a produção da empresa passe dos atuais 5% do etanol consumido no país para até 15%, a fim de evitar a alta do preço na entressafra.

O ministro se reuniu com a presidente Dilma Rousseff, tendo falado sobre a Usina de Belo Monte. Ele disse que todas as recomendações estão sendo cumpridas, incluindo questões ambientais e indígenas.

	VEÍCULO JORNAL DO COMMERCIO ONLINE		EDITORIA
	TÍTULO Inflação supera meta proposta pelo governo		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Inflação supera meta proposta pelo governo

Pela primeira vez desde 2003, índice foi ultrapassado. Indicador ficou em 6,51% quando o máximo seria 6,5%.

Inflação ultrapassa meta do BC

PREÇOS Em abril, o IPCA acumulado em 12 meses foi de 6,51%. A meta oficial é de 4,5% para 2011, podendo chegar, no máximo, a 6,5%

RIO – Apesar da alta dos juros e das medidas de contenção ao crédito, o Banco Central não conseguiu ainda retomar as rédeas da escalada de preços. Em abril, pela primeira vez, desde 2003, o índice oficial de inflação ultrapassou o teto da meta admitido pelo governo, quando considerada a variação em 12 meses.

O indicador ficou em 6,51%, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A meta oficial, que o BC se compromete a perseguir, é de 4,5% para 2011, podendo chegar, no máximo, a 6,5%.

O estouro da meta revela que o BC encontra dificuldade em trazer novamente a inflação para níveis mais baixos. Alguns analistas dizem que ele demorou a agir ainda no ano passado e subestimou a força do consumo e da renda maior da população.

O cenário foi agravado, primeiro, com um choque de preços de alimentos no começo do ano. Agora, eles já mostram arrefecimento e podem cair nos próximos meses, segundo analistas.

RITMO MENOR

Em abril, o ritmo da alta do Índice Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que é o indicador oficial, foi menor: ficou em 0,77%, pouco inferior ao de março (0,79%). Mas o mês carregou parte da alta de preços do álcool e da gasolina, iniciada em março, devido à entressafra da cana-de-açúcar e ao consumo aquecido.

Sozinhos, os combustíveis representaram 39% da variação do indicador em abril.

Laura Haralyi, do Itaú-Unibanco, projeta estabilidade de combustíveis em maio e deflação em junho, mas diz que a alta segue disseminada. Diante disso, prevê que a inflação vai ficar temporariamente mais baixa nos próximos meses.

Já Fábio Romão, da LCA, diz que o BC tem de controlar a inflação e evitar que ela se realimente. Quando as expectativas de inflação estão em alta, empresários acabam antecipando reajustes, o que pressiona mais o índice.

COMBINADA

A presidente Dilma Rousseff montou ontem com sua equipe uma estratégia de discurso para convencer **mercado** e empresários de que o dado de ontem era um olhar no retrovisor e que o pior momento já passou.

Após reunião no Alvorada, assessores e ministros passaram a transmitir a análise. Definiram que era **importante** destacar, nas conversas com a imprensa e **mercado**, que a inflação de maio será menor que a de abril, abaixo de 0,5%.

E reforçar que o IPCA acumulado em 12 meses até setembro seguirá em alta, reflexo da inflação passada, caindo a partir de outubro. O ministro Guido Mantega (Fazenda), convocou a imprensa: Disse que o governo trata o dado de abril como tecnicamente dentro da meta, já que, oficialmente, ela é fixada para o período de janeiro a dezembro.

Energia, aluguel e tarifa de ônibus puxam preços

IPCA Os preços indexados por contratos (como a conta de luz) subiram mais na esteira de índices elevados de inflação em 2010, que corrigiram contratos e fórmulas de reajuste

RIO – Economistas identificaram outro foco de pressão nos preços em 2011: os preços indexados por contratos, como energia, aluguéis, ônibus e outros. Todos subiram mais na esteira de índices elevados de inflação em 2010, que corrigiram contratos e fórmulas de reajuste.

Para analistas, a inflação vai se manter acima do limite nos próximos meses – até agosto, pelo menos – e tende a ficar em mais de 7%.

No fim do ano, eles esperam que o indicador fique acima do teto da meta, o que o **Governo Federal** nega que ocorrerá.

Apesar de ainda ter mostrado alta, a variação do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) no mês de abril ficou abaixo do esperado por economistas, que apostavam em variação de 0,81% a 0,85%. A notícia se refletiu no humor dos investidores: a Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) fechou em alta

de 1,59%, interrompendo uma sequência de quatro dias de perdas.

Como existem muitas incertezas sobre como deve ser feita a calibragem entre as medidas para conter a inflação, a Bolsa sofre as consequências: já desvalorizou 7% desde o início do ano.

Pesquisa da Associação Comercial de São Paulo (ACSP) e Instituto Ipsos, com 1.000 pessoas no País, mostra que 48% dos entrevistados acreditam que a inflação vai subir e 50% pretendem cortar gastos. Levantamento foi feito em nove regiões metropolitanas e 70 cidades do interior, entre os dias 22 e 30 de abril. Antes, portanto, de o presidente do Banco Central (BC), Alexandre Tombini, dizer que o momento é propício para o brasileiro poupar dinheiro e adiar o consumo.